

**SOBRE NARRATIVAS E CONHECIMENTO: A VIOLÊNCIA EM *LA HORA AZUL*,
DE ALONSO CUETO**

**ABOUT NARRATIVES AND KNOWLEDGE: THE VIOLENCE IN *LA HORA AZUL*, BY ALONSO
CUETO**

Elisandra Lorenzoni Leiria¹

Eunice Piazza Gai²

Rosane Maria Cardoso³

RESUMO: Neste trabalho, analisa-se a novela contemporânea *La hora azul*, publicada em 2005, pelo escritor peruano Alonso Cueto. A análise se realiza principalmente sob embasamento do método hermenêutico de compreensão, num processo de escuta do texto e aprofundamento dos sentidos desvelados. O objetivo principal é olhar para a questão da violência a partir da subjetividade, da memória e da narrativa dos personagens, isto é, em que medida a narrativa literária da violência contribui para que os indivíduos possam buscar imagens que os ajudem a refletir sobre o sentimento da dor, da perda, das relações com os outros e sobre como se constituir como sujeito a partir das sequelas dessa violência.

PALAVRAS-CHAVE: Violência. Narrativa hispano-americana. Hermenêutica.

A fim de alcançar os objetivos propostos neste ensaio, faz-se primeiramente uma apresentação do autor Alonso Cueto, suas obras, seu estilo literário e a maneira como confronta seus personagens com situações limites e inesperadas, explorando os comportamentos e condutas decorrentes desses enfrentamentos. Logo após, apresenta-se um resumo da novela *La hora azul* (2005), centrando-se no impacto da guerra entre os senderistas e o Estado sobre seus personagens. Após anos do ocorrido, o povo segue afetado pelo terror. Nesse processo, a violência se relaciona com a natureza individual do ser humano e é expressa no seu processo de socialização. São considerados para essa análise os estudos de René Girard, Nilo Odalia e Yves Michaud. Volta-se, neste estudo, para o “narrar sobre si”, sobre o olhar e o sentir do sujeito contemporâneo para a violência que o cerca ou que faz parte de seu recente passado.

Com base na maneira como o autor constrói as relações entre seus personagens, constroem-se algumas reflexões sobre o que fica da violência e como os sujeitos se narram, se reconhecem e se constituem com o sentimento de perda e de dor deixados pela violência.

¹ Mestranda em Letras - Leitura e Cognição, UNISC, elis.l@bol.com.br.

² Doutora em Letras, UNISC, piazza@unisc.br.

³ Doutora em Letras, UNISC, rosanemc@unisc.br.

Esta análise é conduzida pelo método hermenêutico de conhecimento para compreender textos, o qual define a interpretação como elaboração e desenvolvimento de sentidos e não apenas como reprodução do que está dito. O sentido está sempre em construção, o ser interpreta e reinterpreta e o conhecimento se move internamente.

Ricouer (2008) define a hermenêutica como “a teoria das operações da compreensão em sua relação com a interpretação dos textos.” (RICOUER, 2008, p.23). Conforme seu estudo sobre a tarefa da hermenêutica, compreender é entendido com a função de nos orientar numa situação, não se dirigindo à apreensão de um fato, mas a uma possibilidade de ser. Assim, compreender um texto não é descobrir um sentido inerte que nele estaria contido, mas revelar a possibilidade de ser indicada pelo texto.

Segundo Eco (1993), a hermenêutica é um processo de escuta do texto que pressupõe certa liberdade para compreender. Nesse sentido, este autor demonstra a preocupação com a possibilidade dada ao leitor de produzir um número ilimitado e incontrolável de sentidos às leituras. Busca formas de limitar as interpretações ao admissível, defendendo que a intenção do texto desempenha um importante papel na formação de significados, pois é capaz de conduzir a liberdade de interpretação do leitor, ao mesmo tempo, que não se reduz à intenção pré-textual do autor. Com base nessa argumentação, Eco (1993) elabora a ideia “que o objetivo do texto deve ser produzir o leitor-modelo, isto é, o leitor que lê o texto como, de certa forma, ele foi feito para ser lido, onde se pode incluir a possibilidade de ser lido de maneira a permitir interpretações múltiplas” (Eco,1993, p.10).

O mesmo autor identifica, ainda, algumas interpretações de certas leituras como “superinterpretação” quando são sugeridos sentidos que seriam despropositados em relação ao texto. Ele acrescenta que, se há algo a ser interpretado, essa interpretação deve falar do que pode ser encontrado em algum lugar, e de certa forma respeitado.

A hermenêutica como forma de conhecimento apresenta uma atitude de descoberta, de suspeita, em que “cada camada retirada ou segredo decodificado mostra apenas a antecâmara de uma verdade mais argutamente oculta” (Stephan Collini, apud Eco, 1993). Este processo hermenêutico interpretativo é utilizado na análise da novela *La hora azul* no sentido de buscar lacunas e pistas para o desvendamento das possíveis marcas e sequelas deixadas pelos anos de violência. Assim como, verificar como os personagens lidam com essas “feridas” em suas narrativas.

Busca, na narrativa da violência, imagens que possam ajudar a interpretar e estabelecer sentido ao passado, retirando as coisas do automático e do esquecimento em que se encontram no cotidiano. Para isso, a abordagem desse estudo concentra-se na obra e na trajetória do protagonista, relacionando-o às noções de violência, na tentativa de elucidar a arte de seu autor e os sentidos que produz.

O escritor Alonso Cueto conduz seus personagens na novela *La hora azul* (2005) a situações de conflito e explora seus comportamentos mostrando, através da reação dos personagens da narrativa, a violência e as consequências da guerra entre o grupo armado Sendero Luminoso e as forças de segurança do Peru. Nesta obra, o escritor rastreia o fenômeno da violência situando-se na perspectiva das vítimas. Para isso, se serve de um protagonista bem posicionado na sociedade de Lima, o advogado Adrián Ormache, o qual descobre, mediante várias investigações, o passado sinistro de seu pai, a história de amor vivida com uma prisioneira e sua condição de torturador no quartel de Huanta (Ayacucho).

O escritor peruano Alonso Cueto nasceu em 1954, em Lima, passou parte de sua infância em Paris e Washington e retornou ao Peru quando tinha sete anos de idade. Em 1968, perdeu seu pai de maneira inesperada o que representou para Alonso uma profunda dor e este acontecimento contribuiu de maneira importante para que começasse a escrever na tentativa de superar sua perda. Em 1977, graduou-se na Faculdade de literatura da Universidade Católica do Peru com uma tese sobre a obra de Emilio Adolfo Westphalen. Nesse mesmo ano, viajou para a Espanha, com uma bolsa de estudos do Instituto de Cultura Hispânica, para realizar um trabalho de investigação sobre a obra de Luis Cernuda. Em 1979, reiniciou seus estudos na Universidade do Texas, em Austin, onde obteve o título de PHD em 1984, com uma tese sobre a obra de Juan Carlos Onetti, do qual é profundo admirador. Em 1985, casou-se com Kristin Keenan Atwood, com a qual tem dois filhos. Atualmente, reside em Lima, Peru.

Escreveu seu primeiro livro de contos, *La batalla del pasado*, em 1983 e sua primeira novela, *El tigre blanco*, em 1985. Ao finalizar seu doutorado, voltou a Lima e escreveu duas novelas com temáticas que remetem ligeiramente ao contexto peruano, *Deseo de noche* (1993) e *El vuelo de ceniza* (1995). Contudo, a experiência de Cueto com a realidade peruana sob o regime Fujimori-Montesinos, aumentou seu interesse por temas relacionados a este contexto. A partir daí, escreve as novelas *Grandes miradas* (2003) e *La hora azul* (2005), que

Ihe recebeu o prêmio Herralde de Novela, Barcelona 2005 e o prêmio da Casa Editorial da República China, por melhor novela escrita em espanhol no biênio 2004-2005.

Apesar de também apresentar em suas obras temas como amor e aventura, a literatura investigativa, cujo tema central é o descobrimento da verdade desempenha um papel importante em sua obra, assim como, em sua concepção de literatura. Esse gênero *negro* de novela, como define o próprio autor em suas entrevistas, Ihe seduz porque busca sempre algo oculto na obscuridade, desvela segredos ou persegue um mistério ou um problema. Isso decorre devido ao fato de a própria realidade social latino americana, a violência e a corrupção presentes nessa realidade, favorecem esses temas que se relacionam com o que está além das aparências e com a verdade escondida.

Alonso Cueto também se refere em suas obras ao tema do grande abismo existente entre os órgãos do governo e o povo latino americano pois, segundo o autor, “apesar dos avanços que tivemos nos últimos tempos, ainda existe uma separação muito grande entre as classes políticas e o resto da população”. Esse fato de distanciamento entre os governantes e a sociedade civil pode gerar um sentimento de falta de confiança da sociedade no Estado levando à formação de sociedades alternativas, com economia informal, que postulam suas próprias leis e, muitas vezes, instituem seus próprios castigos.

Devido à sua experiência com a realidade peruana, Cueto se ocupa intensamente da superação do passado que, para ele, representa um processo social fundamental. Para isso, conta com suas obras literárias que buscam revelar, ou pelo menos, sugerir aquilo que as autoridades ocultam e retirar os fatos do esquecimento voluntário ou involuntário. O escritor acredita que a capacidade de progresso de uma sociedade depende muito da capacidade que tem de refletir sobre si mesma, exibir suas feridas e confrontar-se com seu pior e uma das maneiras possíveis de se realizar esse processo reflexivo é através da literatura.

Seguindo essa postura, a novela contemporânea peruana *La hora azul* apresenta a narrativa do advogado Adrián Ormache. Profissional de êxito, sócio de um conhecido escritório, formou uma família convencional, pai orgulhoso de duas filhas, goza de boas condições financeiras, possui uma casa confortável em Lima e é reconhecido com prestígio na sociedade. Sua vida transcorre entre restaurantes de luxo e viagens de férias ao Caribe.

Ormache evita lembrar-se de seu pai falecido, militar de atitudes grosseiras e que nunca fez feliz a sua mãe, mulher elegante, discreta e de família conservadora, que se encarregou de

proteger seus filhos do vazio deixado pela figura paterna. A partir da morte da mãe, muitas revelações são feitas através de uma carta que encontrou nos pertences dela.

O protagonista descobre através do irmão Rúben, que seu pai não era o herói que ele havia pensado. Durante o período em que foi comandante do exército na luta contra o Sendero Luminoso, no Peru, praticava abusos violentos e teve como prisioneira uma campesina chamada Miriam, a quem escolheu não executar. Viveu com ela até o dia em que a jovem conseguiu escapar do quartel. Após sua fuga, o militar nunca mais soube dela.

Inquieto com essa revelação, Adrián inicia uma busca incansável pela fugitiva. O narrador acreditava que ela poderia saber algo que ignorasse sobre o pai ou, até mesmo, sobre ele próprio. Após vertiginosa investigação, o advogado finalmente encontra Miriam que evita, por um tempo, suas visitas. Mas, com a insistência dele, a mulher revela a verdade sobre a violência a qual foi submetida pelo general e como fugiu do quartel onde era prisioneira. Disfarçada, andou durante a noite pela mata até sua casa, mas chegando lá, não havia ninguém. Foi, então, até a casa de seu tio onde descobriu que todos de sua família estavam mortos.

Adrián e Miriam continuam com os encontros. Ela revela que tem um filho chamado Miguel, cuja paternidade do menino se torna outro mistério a ser desvelado pelo leitor. Ormache e Miriam passam a ter um romance até o dia em que ele recebe um telefonema comunicando o falecimento. Após esse acontecimento, Adrián matricula Miguel em uma boa escola e passa a cuidar do menino.

Neste estudo, tratamos de uma compreensão Hermenêutica, desse modo, muitos sentidos podem ser desvelados a partir dessa obra, pois estão sempre em construção, sendo que não temos a pretensão de tirar conclusões definitivas. Assim, a partir da análise de como se constitui o protagonista da obra e de como se estabelecem suas relações com os outros personagens, principalmente com Miriam, buscamos refletir sobre a necessidade destes personagens seguirem em frente e como se confrontam com as recordações de acontecimentos dolorosos deixados pela violência vivenciadas direta ou indiretamente no passado.

A violência não é característica apenas de uma época, pois historicamente é possível perceber que ela sempre esteve presente, desde a sociedade mais primitiva até o momento atual. Odália (1983, p.13) afirma que “O viver em sociedade foi sempre um viver violento. Por mais que recuemos no tempo, a violência está sempre presente, ela sempre aparece em suas várias facetas”.

Ao compreendermos violência a partir de uma perspectiva sócio-histórica, passamos a reconhecer suas implicações de ordem social, ou seja, a violência pode ser compreendida enquanto manifestação de valores culturais e de transformações históricas da vida em sociedade. De acordo com Michaud (2001), não há um discurso universal sobre violência, pois cada sociedade possui suas normas, seus valores morais seus critérios jurídicos e até mesmo disposições pessoais para defini-la. Dessa forma, avaliar o que é violência dependerá dos critérios que regem os grupos sociais. O autor exemplifica a questão afirmando que “cada sociedade está às voltas com a sua própria violência segundo seus próprios critérios e trata seus próprios problemas com maior ou menor êxito” (MICHAUD, 2001, p.14).

A complexidade de definir um conceito de violência torna-se ainda maior pelo fato de que nem sempre é possível perceber a essência do ato violento, não é possível demarcar claramente as razões que encobrem certas práticas violentas presentes na sociedade. Isso acontece geralmente em situações de guerra, em que os valores ideológicos ou econômicos são mais importantes que a preservação da vida. Nesse contexto, por exemplo, o ponto de vista do assassinato pode mudar de sentido, sendo que o ato violento de matar deixa de ser um crime para converte-se num ato de heroísmo.

Esse paradoxo do reconhecimento da violência torna possível a manipulação e a prática de dominação entre desiguais. É nesse momento que a violência política, sutilmente, coloca-se como “um instrumento de luta e um meio eficaz de combater a injustiça social, possibilitando, ao mesmo tempo, a ascensão ao poder político de novas classes sociais” (ODALIA, 1983, p.51). Geralmente esse tipo de violência busca a tomada de poder e, em nome disso, usa o argumento da defesa de certos grupos sociais e da proclamação da justiça igualitária. Assim, a violência política se instaura cometendo atos violentos que serão vistos por alguns grupos como atos de coragem e bravura.

Michaud (2001) faz algumas distinções do conceito de violência política, argumentando que é preciso distingui-la entre fenômenos diferentes, tais como: rixas, motins, levantes, revoluções, terrorismo e guerras civis. Contudo, o autor admite que essas distinções misturam-se em situações políticas reais.

A partir dos relatos e ações dos personagens da obra em estudo é possível perceber, a violência que visa a uma reorganização do poder e que se inscreve numa perspectiva de confronto político. Michaud (2001) apresenta duas condições necessárias para que se estabeleça esse tipo de conflito:

[...] é preciso que exista um poder central em condições de ser ocupado por grupos com ideias, projetos e interesses antagônicos. Por outro lado, é preciso que os grupos conscientes proponham projetos gerais, relativos à organização da sociedade, do poder político e do Estado (MICHAUD, 2001, p. 23).

Contudo, o mesmo autor examina os tipos de formações e grupos envolvidos nesse tipo de conflito e constata que a violência política incide mais fortemente em determinados grupos do que em outros: “[...] assiste-se ao progressivo desaparecimento das multidões espontâneas, procedentes de comunidades sem identidade afirmada nem objetivo político claro em benefício de grupos definidos profissional e politicamente, sustentando posições determinadas” (MICHAUD, 2001, p. 25).

Na novela em estudo, os camponeses narram suas dores, sofrimentos e as perdas de familiares mortos na violenta guerra interna no Peru, em nome de uma reforma social e de uma disputa de poder político entre senderistas e o Estado. Estes camponeses parecem assustados e perdidos, sem entender as reais causas que motivaram esse conflito.

Falar em violência política implica falar em violência revolucionária. Apesar de estarem intimamente ligadas, a segunda goza de certo prestígio que, muitas vezes, é utilizado por movimentos políticos para justificar a violência de suas ações. A palavra “revolucionário”, por geralmente estar associada à busca da transformação social, é invocada por tais movimentos como justificativa para seus atos de terror.

Odália (1983, p.76) acredita que a violência revolucionária é excessivamente fluida para que possa ser caracterizada objetivamente, mas afirma que as ações desses grupos ou indivíduos “antes expressam suas frustrações e confusões mentais do que propriamente suas convicções políticas de transformação social”.

Nas situações revolucionárias, o terror é utilizado para intimidar os opositores e castigá-los rápida e duramente. Ao mesmo tempo, que a ação desses atos de terror pode ser definida como destrutiva para aqueles que são vítimas, também adquire um sentido heroico para aqueles que praticam a violência, no sentido de ser comprometido com valores que ultrapassam a vontade individual. De maneira geral, segundo MICHAUD (2001), o terror é caracterizado pela instauração de jurisdições que pronunciam uma justiça expeditiva e se torna um Estado dentro do Estado.

Esses atos de disputa pelo poder podem ser explicados pelas concepções de René Girard (1990). Para este autor, a violência nasceria das situações de rivalidade não acidental

em torno do desejo do mesmo objeto, isto é, o sujeito deseja o objeto de um outro sujeito, sem desejar o objeto em si. Girard (1990) denomina esta dinâmica de mimêsis, sendo que os sujeitos se tornam rivais por esse mimetismo do desejo. A disputa não está no objeto, mas na imitação do desejo do outro. É a partir dessa relação de disputa que se estabelece a rivalidade mimética e desencadeia o conflito. A violência nada mais é do que o resultado do desejo mimético.

Girard (1990) procura explicar a estrutura da violência a partir da sua relação com o sagrado, desenvolvendo sua teoria do sacrifício. O sagrado é a ferramenta reguladora da qual as sociedades lançam mão diante da ameaça de violência generalizada. A função do sacrifício é desviar a violência para uma vítima, um bode expiatório que a canaliza. Assim, a violência, inevitavelmente originada pela rivalidade dos desejos, é coibida pelo ato sacrificial e volta-se para outro objeto. É transferida para as vítimas substitutas ou expiatórias e isso contribui para regulamentá-la. Nesse processo, a violência sacrificial, através do bode expiatório, é justificada como um bem maior.

Com base na teoria de Girard (1998), podemos supor que uma leitura possível da novela *La hora azul*, seria de que os camponeses cumpriram com a função de bode expiatório. Na dinâmica de rivalidade do desejo de poder entre senderista e militares, toda a violência sacrificial foi canalizada para eles. A primeira solução diante da crise foi o sacrifício vitimizador, que polarizou nessas vítimas expiatórias a violência que envolveu todas as rivalidades conflitantes que ameaçavam os grupos envolvidos.

O mesmo autor ainda defende que este sistema é universal e regula todas as sociedades. Faz essa defesa a partir de sua análise de vários materiais fenomenológicos – peças literárias e mitos gregos clássicos, europeus, americanos e africanos – nos quais encontra evidências da estrutura vitimizadora, confirmando a universalidade de sua tese.

A última forma de violência, abordada nesse ensaio, e também possível de ser percebida nas relações estabelecidas entre os personagens da novela *La hora azul*, é a violência institucionalizada. Para essa concepção, a sociedade em geral age como se a desigualdade fosse uma condição inerente às relações humanas, como se fosse uma norma estabelecida pela natureza social. Essa maneira de pensar institucionaliza a diferença entre os que possuem e os que não possuem.

Sobre a violência institucionalizada, Odalia (1983, p. 30) afirma que “o ato rotineiro e costumaz da desigualdade, das diferenças entre homens, permitindo que alguns usufruam à

sociedade o que à grande maioria é negado, é uma violência.” Essa fragmentação da sociedade é utilizada, explícita ou implicitamente, como instrumento de poder e de violência.

A partir dos pressupostos abordados até o momento, passaremos à análise das narrativas dos personagens na obra *La hora azul*, os quais seguem com suas vidas influenciadas pelo terror da guerra entre os senderistas e o Estado, buscando identificar principalmente a violência presente na subjetividade narrada por esses sujeitos.

Percebe-se na novela um desejo de praticamente todos os personagens de esquecer o conflito armado Sendero Luminoso. Tanto as vítimas diretas, quanto a sociedade limenha e até mesmo os próprios militares, desejam esquecer o que aconteceu e se concentrar na vida presente. O fato de, em alguns momentos, serem praticamente obrigados a se confrontar com a verdade, e não saberem como lidar com ela, já pode ser considerado como uma violência para esses sujeitos. Pois, contar suas histórias de vida pode ser, por um lado uma necessidade para processar melhor o que aconteceu e se constituir a partir disso ou, por outro lado, pode ser um perigo, no sentido de não saberem como lidar com a verdade.

O protagonista Adrián Ormache participa desse esquecimento instaurado até o momento em que descobre seus próprios vínculos familiares com a violência dessa guerra. Levava uma vida confortável em sua grande casa em Lima, estável financeiramente e emocionalmente e vivia “isolado em seu mundo”. Alheio a tudo que não fazia parte de sua vida, não sabia quase nada sobre o papel do pai na guerra até ficar sabendo, pelo irmão Rubén, do que se passou com comandante Ormache e com a mulher andina:

Putá, bueno, o sea tú ya debes saber, pues, el viejo tenía que matar a los terrucos a veces. Pero no los mataba así nomás. A los hombres los mandaba trabajar...y a las mujeres, ya pues, a las mujeres a veces se las tiraba y ya después se las daba a la tropa para que se las tiraran y después les metieran bala, esas cosas hacía (CUETO, 2005, p.37).

Assim, o advogado é confrontado com o mundo que o rodeia e que ele rejeita. Nesse momento, o protagonista é apresentado a fatos que o colocam de frente com a morte, com a pobreza, com a desgraça, com a dor e com todos esses conceitos que eram ignorados por ele e pelas elites. Mas, que estavam presentes no outro lado da sociedade e na própria essência da vida.

Essa experiência vivida pelo protagonista permite o contato direto dele com os sobreviventes da guerra do Sendero Luminoso, principalmente com Miriam. Esse acontecimento lhe abre os olhos para a imensa distância que separa as pessoas, que como ele

veem o Peru desde um “palco”, dos campesinos que além de estarem à margem da sociedade limenha, sofrem todas as atrocidades causadas pela violência. Adrián, pela primeira vez, sofre os efeitos das sequelas deixadas pela violência ao deparar-se com a verdade e é “sacudido” para o mundo, precisando se narrar para se (re)conhecer e se reconstituir.

O irmão Rúben, mesmo sabendo a verdade, opina que é melhor tratar de esquecer o assunto, pois isso somente causará mais problemas e não servirá para nada. Outros personagens, como Claudia, também tem medo de meter-se no assunto, tratando-o como um tabu e acha uma estupidez o fato de Adrián procurar por Miriam: “[...] te vas a meter en problemas, tu siempre con tus fantasias, con tus pajaritos en la cabeza, nosotras te necesitamos aquí, tu no le debes nada a una india cualquiera que conoció a tu papá, pues, oye.” (CUETO, 2005, p.113).

Claudia não se transforma com a descoberta dessa violência, considerando-a como natural e institucionalizada. Ela evita este assunto desagradável, preferindo que os abusos cometidos pelos militares permaneçam no esquecimento e, que retomar esse assunto, não é uma boa ideia, pois desonra os militares. O próprio Adrián, para manter a aparência de tranquilidade, pensa em aceitar a ideia mais comum na sociedade limenha de soldados vistos como heróis e da maldade delegada ao Sendero: “Yo estaba obligado a cuidar el prestigio. Ser un tipo honesto, de buena familia y de nombre conocido [...] Ninguna historia morbosa es buena para el negocio” (CUETO, 2005, p. 56).

A reação de Adrián ao descobrir a verdade é de transformação solitária, não é capaz de ir contra os conceitos conservadores e tradicionais instituídos entre os que o rodeiam, que fazem parte de seu mundo particular e não tenta modificar, nem sequer, quem está a seu lado. Sua esposa, seu sócio e suas filhas não se envolvem na descoberta dessa verdade e o próprio protagonista tem medo que essa verdade ponha em risco sua posição de prestígio na sociedade. Inicialmente, Adrián não sabe o que fazer com a verdade, não sabe como se constituir a partir dela. Em entrevista concedida, o investigador do Instituto de Estudios Peruanos e professor na Universidade Católica Víctor Vich analisa que:

[...] no debemos ser injustos con el personaje. Lo que también muestra la novela es una sociedad tan deteriorada que no ofrece ningún otro camino [...] No es exactamente su culpa que no haga nada. La sociedad no le ofrece alguna alternativa para reconstruir vínculos más allá de los tradicionales [...] la novela muestra tampoco es que él pueda hacer nada más de lo que ha intentado hacer y que es la sociedad la que se lo impide (VICH, 2009, p.112).

Outro sentido possível de ser desvelado a partir da análise da constituição dos personagens é o fato de que os efeitos da violência da guerra do Sendero Luminoso incidiram mais fortemente nos índios camponeses, que serviram como “bodes expiatórios” Girad (1998). Quando Adrián viaja para tentar encontrar Miriam, percebe-se a surpreendente onipresença da guerra e da morte em Ayacucho, nos relatos dos personagens com quem tem contato durante a viagem. O taxista que o leva mostra a estrada “Infernilla”, onde o exército e o Sendero jogavam os corpos das vítimas. Conta-lhe da morte de taxistas que revidavam aos roubos e extorsões dos senderistas e de como o movimento armado detinha o poder em Ayacucho.

Mire, señor, dijo señalando a la derecha, acá había harto cadáver, mire. Por aquí, este puente que ve aquí es Infiernillo. Allí cerca encontraban los cuerpos de los muertos a cada rato. Los senderistas los amontonaban allí nomás, juntito al camino. Y los militares también traían. [...] Y casi siempre muertos venían, torturados y cortados y así, ya los traían (CUETO, 2005, p.167-168.)

O protagonista também conversa com o padre Marcos que não sofreu a violência diretamente, mas que tenta consolar a muitos sobreviventes que continuam com sua vida marcada pelas cicatrizes do passado: “ya no quieren consuelo, señor. Quieren hablar [...] les digo que recen mucho, y que no los olviden, sobre todo eso, que no se olviden de sus muertos [...] Así podemos seguir viviendo, pero llorando siempre, eso si” (CUETO, 2005, p.176-177).

Em um bar de Huanta, Adrián conhece Guiomar, uma mulher que lhe conta sobre como algumas pessoas que vivem aí buscam na dança um modo de encarar a vida e a dor deixada pela violência. Em alguns momentos, percebe-se que ela trata o protagonista com certo desdém por ele ser de Lima e não se importar com a violência sofrida pelas pessoas que vivem longe da capital:

El dolor es una donación a la vida. Los danzantes se resisten a la muerte cuando bailan. [...]Nadie aquí cree que estar vivo es lo normal. Aquí han observado siempre la vida con asombro. [...] Los limeños como tú dicen que las artesanías de aquí les parecen lindas. Después se olvidan de todo y siguen con sus autos y sus viajes (CUETO, 2005, p.182-183).

O autor constrói a obra de uma forma que se possa desvelar o sentido de que a minoria da população constituída pela elite e por quem possui o poder de governar, residentes em Lima, não sofreu diretamente a violência do período Senderista. Isso é perceptível pela falta de conhecimento e de envolvimento dos personagens limenhos nos fatos dolorosos da guerra. Adrián chega dizer à Guiomar, quando ela lhe relata o sofrimento de quem vive em Huanta, que “En Lima nunca sabremos nada de esto [...]”(CUETO, 2005, p.183).

Ao construir as relações e enfrentamentos entre seus personagens, o autor forma um paralelismo entre Adrián e Miriam, como pessoas de distintas realidades sociais mostrando como cada um reage, lida e constitui-se a partir das experiências vividas direta ou indiretamente com a violência. Adrián como o advogado de vida social confortável, que vive em Lima, em um mundo alheio à parte mais dura da realidade; e Miriam como campesina, que vive em um povoado pobre, vítima de todos os tipos de violência.

Esses personagens vivenciam a violência de uma maneira muito diferente. Miriam, assim como muitos outros campesinos, sofre na própria pele a violência, é feita prisioneira, é violentada, perde toda sua família e segue sua vida, tratando de viver e se constituir de uma maneira silenciosa, resignada, suportando sua dor em segredo, como se essa violência fizesse parte da vida dos campesinos como uma condição humana, imposta pela estrutura social.

Por outro lado, Adrián só sente a violência muitos anos mais tarde, quando se desestrutura ao se deparar com a verdade, com as atrocidades cometidas por seu pai e é forçado a sair de seu mundo fechado e encarar a realidade. Quando o protagonista busca Miriam, de certa forma, está buscando nela a verdade e tentando, com isso, reconstituir-se.

Quando o protagonista a encontra, descobre que ela também prefere esquecer o passado no qual sua família foi assassinada pelo Sendero e que sofreu repetidos abusos e violações pelo comandante Ormache. Para ela, o passado é tão doloroso que não se sente capaz de suportar as lembranças do que sofreu. O que mais importa no presente é trabalhar para cuidar de seu filho Miguel e seguir com sua vida difícil à margem de Lima. Mas, por mais que tente esquecer seu passado e viver o presente, está sempre rodeada pelas memórias de seus familiares e amigos mortos:

[...] tenido que despertarse en tantas madrugadas para enfrentar las imágenes que aparecen en la pared de su cuarto, la voz insistiendo de sus padres o sus hermanos [...] los cuerpos desvanecidos en el aire del dormitorio, aquí estamos, no queremos irnos, estamos aquí contigo [...] (CUETO, 2005, p. 272).

Para Miriam, viver como uma pessoa normal não é mais possível. Em uma das passagens da novela fica claro que ela sofre de um tipo de síndrome de stress pós-traumático. Depois de conviver harmoniosamente com o advogado por algum tempo, de repente, sem nenhum motivo aparente, pega uma faca e tenta matá-lo. Faz isso sem pensar e sem saber o que está fazendo. Quando volta a si, pede perdão, mas não pode dar uma explicação para o que acabou de fazer.

Quando eles se reencontram e mantêm um relacionamento, Adrián acaba por substituir a posição de dominador que seu pai exercia sobre ela no passado. Em sua relação com Miriam, a verdade é velada e a “esmola” é a solução, pois mantém com ela uma relação escondida, tutelar e de cima para baixo. Só que, diferente do passado, agora essa repetição de poder aparece de forma bem mais sutil, pois se confunde com uma boa ação ou com uma reparação pelo que aconteceu no passado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O autor constrói sua obra confrontando seus personagens com situações conflitantes do contexto peruano de pós-violência, fragmentado e polarizado e, a maneira como reagem, nos sugere a reflexão sobre a violência como condição humana, como manifestação política e institucionalizada. Também nos leva a refletir sobre a possibilidade de recordarmos o passado na tentativa de curar as dores, mas sem se deixar torturar pelos fantasmas desse passado. Cueto, sutilmente, faz essas sugestões de sentidos, sem com isso pretender apresentar respostas prontas, apenas conduz o leitor à reflexão.

Na novela *La hora azul* (2005), de Alonso Cueto, é possível perceber nos personagens que a manifestação da violência política e institucionalizada sofrida está longe de ser um evento do passado, pois a guerra segue tendo efeitos dramáticos para os personagens. E, muitos anos depois, ainda é possível perceber na narrativa, que os problemas que fizeram possível acontecer a guerra entre Senderistas e o Estado, seguem vigentes.

Através de suas investigações, o protagonista desvela a necessidade humana de recordar o conflito, sobretudo na tentativa de processar o que passou, buscando na narrativa da violência vivida, imagens que possam ajudar a interpretar e estabelecer sentido ao passado. A narrativa trata do verossímil, do simbólico, das condições prováveis e transcende o particular. Essa novela trata sobre eventos de um mundo real, mas ela transforma esse mundo em uma nova forma, resgatando-o da obriedade, apresentando lacunas que poderão ser preenchidas pelo leitor. Dessa forma, a narrativa poderá contribuir para dar respostas às coisas que não podemos explicar. Sempre que, em alguma época da humanidade, não se sabia explicar algum fato real como mudanças climáticas ou sobre a origem do mundo, inventava-se mitos como resposta para o inexplicável.

Da mesma forma, existem alguns aspectos da experiência humana que ainda não entendemos, tais como a crueldade e a violência. É difícil entender porque, no Peru, o Sendero Luminoso usava tanta violência e também por que os militares usavam tamanha crueldade. São coisas que não são tão fáceis de serem explicadas por princípios morais ou por ideias, não se restringem a uma explicação, sendo assim, as respostas seguem sendo as histórias.

É possível que o leitor encontre mais significado e verdade na narrativa e no que foi criado pelo escritor do que na própria realidade. Assim, enquanto existirem fatos inexplicáveis em nossa realidade, seguiremos buscando explicação nas narrativas, no teatro, no cinema e nas artes de uma maneira geral.

Em seu estudo sobre a educação estética, Vygotsky (2004) esclarece que não é possível uma sociedade atingir solidez baseando-se em convicções de romances ou poemas, contudo é “possível e exequível o pós-efeito cognitivo da arte. Uma obra de arte vivenciada pode efetivamente ampliar a nossa concepção de algum campo de fenômenos, levar-nos a ver esse campo com novos olhos [...]”(VYGOTSKY,2004, p. 342). Este autor afirma que a vivência estética cria uma atitude muito sensível para os atos posteriores, não passando sem deixar vestígios para nosso comportamento.

Segundo Degregori (2004,p.182), é possível descobrir com os personagens da narrativa facetas de nossa realidade através do olhar de um outro, pois “esa mirada valora aspectos de nuestro ser que no habíamos descubierto o a los que tal vez no dábamos importancia.”

Assim, a memória do que passou, compreendida e interpretada através da narrativa, poderá exercer um valor terapêutico para a os sujeitos. Não podemos esquecer a violência que passou, não é possível ignorar os fatos acontecidos, mas podemos recordar para compreender, na tentativa de evitar que aconteça novamente.

ABSTRACT: This work analyzes the contemporary novel *La hora azul* (The blue hour), published in 2005 by the Peruvian writer Alonso Cueto. The analysis is carried out mainly under the basis of the hermeneutic method of understanding, in a process of listening to the text and deepening the revealed meaning. The main objective is to look at the issue of violence from the subjectivity, memory, and narrative of the characters, that is, to what extent the literary narrative of violence contributes to enable individuals to search for images that help them to ponder on the feeling of pain, loss, relationships with others and on how to become a person from the consequences of such violence.

Keywords: Violence. Hispanic American Narrative. Hermeneutics.

Referências

CUETO, Alonso. *La hora azul*. Barcelona: Anagrama, 2001.

DEGREGORI, Carlos Iván. *Diversidad Cultural. Enciclopedia Temática del Perú*. Tomo VIII. Lima: El Comercio, 2004.

_____. Entre el fuego y la calandria. *Revista Crônicas Urbanas*, n.13, 2007. Disponível em: <http://www.guamanpoma.org/cronicas/12/5_FuegoCalandria.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2012.

ECO, Humberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1993

GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. Tradução: Martha Conceição Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

MICHAUD, Yves. *A violência*. São Paulo: Ática, 2001.

ODALIA, Nilo. *O que é violência*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

RICOUER, Paul. *Hermenêutica e ideologias*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

VICH, Víctor. Una violencia de novela. *Revista Quehacer*. Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/51324038/VICTOR-VICH-Una-violencia-de-novela-entrevista>>. Acesso em: 14 jul. 2012.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. *Psicologia pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.